



## O Sacerdote Artista da Palavra: Dom Luciano José Cabral Duarte e a Academia Sergipana de Letras

*Claudefranklin Monteiro Santos<sup>1</sup>*

## The Word Artist Priest: Dom Luciano Jose Cabral Duarte and the Academy of Letters Sergipe

### *Resumo:*

o presente artigo versa sobre a trajetória e atuação de Dom Luciano José Cabral Duarte na Academia Sergipana de Letras, a partir de sua posse em 26 de agosto de 1971. Com base em uma expressão utilizada por seu primo, Cabral Machado, Dom Luciano é apreendido no tecido histórico, social e cultural de Sergipe como um “artista da palavra”, contribuindo de forma significativa e singular para o cenário da intelectualidade do Estado, extramuros e acima das formalidades do ambiente.

**Palavras-chaves:** Dom Luciano José Cabral Duarte – Academia Sergipana de Letras – Trajetória de Vida.

### *Abstract:*

the present article deals with the history and role of Don José Luciano Duarte Cabral on the Lyrics Sergipana Academy, from his office on August 26, 1971. Based on an expression used by his cousin, Cabral Machado, Archbishop Luciano is seized the historical, social and cultural fabric of Sergipe as an “artist of the word”, contributing significantly and unique way to the scene of the intelligentsia of the state, extramural and above the environmental formalities.

**Keywords:** Don Luciano José Cabral Duarte - Sergipana Academy of Arts - Path of Life.

129



1 Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Sócio do IHGSE.



Visitar a seara cultural de Dom Luciano José Cabral Duarte, tendo como lentes a sua atuação na Academia Sergipana de Letras, logo se apresenta, também, como um momento oportuno para pensar a formação intelectual de Sergipe, considerando a significativa presença e contribuição do clero neste particular de sua história. Há casos representativos que atestam, na chamada “geografia diocesana” do Estado, a existência de uma elite clerical consistente e atuante, capaz de influenciar em diversas instâncias, mesmo depois da proclamação da república e da laicização das instituições governamentais.

Entre meados do século XIX e pelas décadas do século seguinte, a Igreja Católica passou a investir mais e melhor na preparação de seus padres, cultivando neles o gosto pela erudição. Seja por meio de ações próprias de seus membros, com vistas a uma reinvenção de seu papel institucional, seja por meio da provocação racional de intelectuais, também a Igreja, por meio de seus agentes religiosos, sobretudo os clérigos, passou a dar vasão ao conhecimento e ao estudo, formando uma plêiade de padres capacitados, intelectualizados. Viram-se, gradativamente, com algumas resistências, mudanças nas condutas, modos e posturas de ser padre. Mudaram-se os procedimentos educativos dos seminários e os próprios seminários foram mudando com eles. Esteve em questão a restauração da imagem do clérigo, no sentido de formá-lo melhor, tanto ao nível da ética e da moral, como ao nível acadêmico.

Assim, parte considerável dos padres sergipanos formados em seminários nordestinos compuseram importantes quadros da intelectualidade local e regional, como também brasileira. Sobre o Seminário de Aracaju, assim se refere Raylane Navarro: “(...) oferecia à sociedade nordestina e brasileira uma elite intelectual, com ampla e sólida formação sacerdotal, acadêmica e, por vezes, erudita<sup>2</sup>”. Além disso, acrescenta a autora, foi um instrumento a serviço da renovação da Igreja e do seu trabalho pastoral.

Em Aracaju, nas primeiras décadas do século XX, como iniciativa para a propagação da fé católica pelos meios intelectualizados, ou a partir deles, foi criada, por parte dos seminaristas do Sagrado Coração de Jesus, a Academia Literária São Tomás de Aquino. Seu propósito era criar e manter uma instituição cultural que procurasse “fomentar o gosto pela literatura, pelas ciências e pelas artes<sup>3</sup>”, conforme propugnava seu principal veículo de disseminação de ideias, a Revista *Cientia et Virtus* (1933).

A Academia Literária São Tomás de Aquino teve como mentor o Reitor Monsenhor Adalberto Sobral e foi fundada no dia 20 de abril de 1919. É

2 BARRETO, Raylane Dias Navarro. *A Formação de Padre no Nordeste do Brasil (1894-1933)*. Natal: EDUFRN, 2011. p. 24.

3 BARRETO, Raylane Andreza Dias. *Os Padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1938)*. Maceió: EDUFAL, 2012. pp. 182-184

considerada a precursora da Academia Sergipana de Letras (ASL), que, entre outros membros da Igreja Católica, teve a participação do Monseñor Carlos Costa, em sua fundação no dia 01 de junho de 1929, e, posteriormente, Dom Antônio dos Santos Cabral e Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, como membros da primeira leva de imortais.

Em 1922, por exemplo, foi fundado o Educandário Tomás de Aquino, instituição que ajudou a formar importantes nomes da sociedade sergipana. Trata-se de uma iniciativa do Padre lagartense, Vicente Francisco de Jesus, e do então Seminarista Manoel Cândido dos Santos, este último, natural de Rio das Contas-BA (01 de setembro de 1844). Estudante, como preparatório para padre no Seminário Santa Tereza, na Bahia, não concluiu a sua formação, dedicando-se ao ensino, ao jornalismo e ao direito. Mudou-se para Aracaju em 1912, a convite do Presidente de Sergipe, General Siqueira de Meneses, depois de uma prodigiosa passagem pela imprensa da cidade baiana de Alagoinhas. Foi professor de Latim e de Português no Colégio Atheneu Sergipense. Em 1913, foi convidado pelo Bispo Dom José Thomas para ocupar o corpo de docentes do Seminário Sagrado Coração de Jesus<sup>4</sup>.

Dom Luciano não foi da primeira leva de sacerdotes formados pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus, portanto, dos chamados “padres de Dom José”. Ele estudou naquela instituição entre 1936 e 1942, quando partiu para Olinda-PE. Apesar disto, encarnou muito bem a postura pastoral do primeiro Bispo de Aracaju, assumindo, mais tarde, o perfil de clérigo intelectualizado e erudito, de que estamos dissertando preliminarmente, até mesmo para compor uma tecida histórica que nos dê condição de entender e explicar a estada de Dom Luciano na Academia Sergipana de Letras, propósito para o qual tive a honra de merecer a missão.

Em que pesem tais considerações sobre a participação da Igreja Católica na formação cultural de Sergipe no século XX, em particular, pode-se dizer que Dom Luciano, cria do Seminário Sagrado Coração de Jesus, se apresentava como um de seus maiores expoentes, antes mesmo de alçar ao posto de imortal da Academia Sergipana de Letras. Exemplo disto, ainda na condição de um jovem sacerdote, foi lhe conferida pelo Bispo de Aracaju, em 1949, Dom Fernando Gomes, a incumbência de atuar, decisivamente, no meio acadêmico, social e cultural, por meio de iniciativas como: o jornal A Cruzada, a Faculdade Católica de Filosofia e a Juventude Universitária Católica (JUC)<sup>5</sup>.

4 NETO, Urbano Oliveira Lima. “Era um Sábio... Era um Santo”. In: *Revista da Academia Sergipana de Letras*. Nº 28. Aracaju-Se, setembro de 1981. pp. 181-183.

5 MORAIS, Gizelda. *D. Luciano José Cabral Duarte. Relato Biográfico*. Aracaju: Editora J Andrade, 2008. p. 68.

Tudo leva a crer que as mobilizações para a candidatura de Dom Luciano para a Academia Sergipana de Letras deram início entre finais dos anos 60 e início da década seguinte. Até o fechamento do presente texto, não foi possível saber, ao certo, se ele, pessoalmente, desejasse isto para si, ao que nos parece que não. A julgar pelo que sabemos da trajetória do Bispo até a presente data, isto, de ele vir a tornar-se membro daquele sodalício seria inevitável. O próprio Cabral Machado aventou, em seu discurso de recepção ao mesmo, que seria uma questão de tempo e de oportunidade, deixando entrever que tivesse sido seu principal articulador.

O descuido com a memória por parte de algumas de suas diretorias criou alguns hiatos significativos que não nos permitiu reconstituir os momentos que antecederam a escolha e posse de Dom Luciano na Academia Sergipana de Letras, pelo menos com maiores detalhes que enriqueceriam nossa prédica. A documentação escrita disponível não fornece maiores elementos elucidativos sobre os bastidores para a indicação do nome de Dom Luciano, algo que julgamos ser apenas recuperado no pesquisar da memória das testemunhas oculares e auriculares. Sobre este assunto, Gizelda Morais afirma que o nome de Dom Luciano se deu “por instância e indicação de vários acadêmicos<sup>6</sup>”.

Em março de 1971, os convites para a sua posse já começavam a ser distribuídos pela Academia Sergipana de Letras, em princípio para o mês de maio. A solenidade, entretanto, ocorreu no dia 26 de agosto daquele ano, às 20 horas, no prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ele tornou-se ocupante da cadeira de número 18, cujo patrono é o Vigário Barroso. Sucedeu ao Bispo Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, falecido em Aracaju no dia 23 de fevereiro de 1968. A cadeira estava vaga, portanto, havia três anos.

No dia seguinte, o mesmo periódico atesta a força representativa do neo-imortal. Em nota intitulada “Prestígio”, a solenidade de posse foi apresentada como um grande acontecimento social e cultural de Sergipe. O auditório do IHGSE esteve “completamente lotado”, com a presença de inúmeros intelectuais e autoridades. Assim, encerra a nota: “mais uma vez a força do nosso Arcebispo perante a sociedade sergipana<sup>7</sup>”. Apesar disto, chama-nos a atenção para o fato de não haver o registro escrito desta solenidade por parte da Academia Sergipana de Letras. O evento só mereceu uma citação em ata de sessão solene do dia 16 de dezembro de 1972, mais de um ano após.

Além do Jornal Gazeta de Sergipe, a posse de Dom Luciano recebeu destaque também do jornal Diário de Aracaju, datado de 28 de agosto de 1971.

6 Idem, *ibidem*. p. 312.

7 *Gazeta de Sergipe*. 28 de agosto de 1971. p. 3

Entre as autoridades intelectuais que se manifestaram a respeito da solenidade, destaque para o Professor Hélio Ferreira dos Santos, Diretor do Instituto de Química da Universidade Federal de Sergipe, que, via ofício, lhe dirigiu moção de congratulações, no dia 24 de setembro de 1971<sup>8</sup>.

Dom Luciano foi recepcionado por seu primo, Manoel Cabral Machado “(...) que teceu longas considerações sobre as qualidades do Arcebispo de Aracaju<sup>9</sup>”, conforme noticiou matéria de capa o Jornal Gazeta de Sergipe, no dia 27 de agosto daquele ano. Para justificar a presença de mais um religioso na Academia Sergipana de Letras, sobretudo de Dom Luciano, em especial, Cabral o colocou ao nível do “intelecto prático”, do sujeito cuja função sacerdotal era a de um *artista da palavra*. Salientou suas qualidades de bem-letrista e filósofo e assim expressou-se a respeito da premissa: “O pastoreio das almas manifesta-se num soerguimento vital ao nível da beleza literária”. Ou ainda: “Se deste modo agis como o brilho dos talentos, esta casa haveria de esperar-vos<sup>10</sup>”.

Ainda sobre a fala de Cabral Machado é possível destacar outros elementos que tornaram aquele evento ainda mais representativo para o momento cultural sergipano. Ele deu ênfase a quatro características do recipiendário, que tornaram a fazer parte de sua trajetória de vida, como sacerdote e homem das letras: “inteligência criadora, caráter firme, poder de decisão, capacidade de ação<sup>11</sup>”.

Citando Garcia Moreno, Cabral ressalta a oportunidade, entendendo que o religioso representava a aliança entre os apelos da vocação e a reconhecida cultura e inteligência do mesmo. Isto teria bastado para justificar sua presença entre os imortais sergipanos. Ele transitou, nem sempre com tranquilidade, mas com propriedade, entre a fé, a ciência e a arte. E “(...) se após 20 anos, neste pastoreio [nos atesta seu anfitrião e parente], não houve a plena conversão da intelectualidade sergipana ao catolicismo, porquanto continuam a existir os ateus, os agnósticos, os indiferentes, pelo menos, afirmariamos, a fé passou a ser respeitada pela inteligência e o valor do pensamento cristão”.

A propósito, em seu discurso de posse, Dom Luciano se apresentou aos colegas como um homem de fé: (...) aquele que crê em Deus, que crê em Jesus Cristo”, tecendo um leve trocadilho com a imortalidade dos colegas acadêmicos, todos, inclusive ele: “(...) peregrinos mais ou menos

8 Ofício nº IQ/243/71 do Diretor do Instituto de Química da UFS a Dom Luciano Duarte, enviando uma moção de aplausos pela posse na Academia Sergipana de Letras. 24 de setembro de 1971. Acervo do Instituto Dom Luciano. Aracaju-SE.

9 *Gazeta de Sergipe*. 27 de agosto de 1971. Capa.

10 MACHADO, Manuel Cabral. Discurso de Saudação a Dom Luciano Cabral Duarte. In: *Revista da Academia Sergipana de Letras*. Número 25. 1975. pp. 92-93.

11 *Idem*, *ibidem*. p. 96.

transviados pelos desertos da vida, carregando, dentro das entranhas, esta inexorável sede de uma água que, necessariamente, existe [Deus]<sup>12</sup>.

Por ocasião da posse de Dom Luciano na Academia Sergipana de Letras é possível dizer, sem vacilo, que seu nome já estava consolidado. E sobre este particular, pode-se levantar uma questão que nos parece muito importante para dimensionar aquele acontecimento no cenário cultural sergipano.

Dom Luciano ingressou na Academia Sergipana de Letras em meio a uma crise institucional. Poucos dias depois, foi eleito seu mais novo presidente o jornalista Zózimo Lima, que em artigo para o jornal *Gazeta de Sergipe*, intitulado “No território das letras”, queixava-se da pouca frequência dos imortais às reuniões, fato que apenas 16 deles tivessem exercido voto para àquele pleito. Aos que não compareceram ao certame, assim se pronunciou: “(...) Não votando em outro candidato, desejam êles que continuasse a Academia inoperante, estagnada, sem possibilidade de renovação<sup>13</sup>”.

Na sessão a que se refere o jornalista Zózimo Lima, de 30 de agosto de 1971, é possível perceber o clima de tensão. Para se ter uma ideia, o Presidente João Evangelista Cajueiro, ao designar seu confrade Marcos Ferreira de Jesus (vice-Presidente) para conduzir o processo eleitoral, o fez acompanhado de um ofício onde pede sua exclusão do quadro social da Academia. Afora este constrangimento e não sendo candidato de oposição a Zózimo, ainda recebeu um voto. Sem falar nas recusas de vários membros em ocuparem as funções para as quais foram indicados nas urnas.

Visto deste modo, a eleição de Dom Luciano caiu como uma luva para aquele cenário, mostrando-se muito oportuna. O sodalício precisava de um nome de consenso e que pudesse mexer com seus membros, ou que ao menos se criasse essa expectativa. Àquela altura, sua biografia já era digna de admiração e apreço, sobretudo se levarmos em consideração apenas três de seus inúmeros perfis.

Como religioso, já tinha uma carreira bastante consolidada, não só no cenário nacional, mas também internacional, sobretudo junto ao Vaticano, tido como uma das maiores autoridades eclesiásticas do Brasil. Um ano antes de sua posse na ASL, havia sido nomeado o segundo Arcebispo Metropolitano de Aracaju. No campo educacional, não menos importante, estando entre os mais conceituados nomes, inclusive junto ao Governo Federal, como membro atuante do Conselho Federal de Educação. Já possuía um cabedal cultural invejado e vasto, enriquecido por suas andanças pelo mundo. Um homem erudito, cuja capacidade intelectual era digna de nota e das melhores referências. Por estes motivos, bem afirmara Cabral Machado que se nas hostes da Academia Sergipana de Letras este homem

12 DUARTE, Dom Luciano. Discurso de Dom Luciano ao ser recebido na Academia Sergipana de Letras. In: *Escritos sobre Educação e Outros Temas*. Aracaju: Editora J Andrade, 2008. p. 77.

13 *Gazeta de Sergipe*. 11 de setembro de 1971. p. 2.

não viesse um dia figurar, teria sido uma mácula e uma grave injustiça cometida por aquele sodalício<sup>14</sup>.

Por outro lado, um levantamento feito na documentação da Academia Sergipana de Letras é possível saber que Dom Luciano não foi afeito a frequentar suas sessões, salvo raras e pontuais exceções, fato, inclusive atestado por sua principal biógrafa, Gizelda Moraes, a qual atribui o infortúnio às inúmeras atividades que ele desenvolvia seja na vida religiosa, seja nas esferas educacional e cultural. Era um homem amplamente requisitado e comprometido com diversas causas. Dois dias após a sua posse na ASL, por exemplo, ele esteve proferindo palestra de encerramento na Semana do Excepcional, no Centro de Reabilitação Ninota Garcia, em Aracaju<sup>15</sup>.

Entre as raríssimas aparições, destaque para a posse de Dom José Brandão de Castro na cadeira número 24, cujo patrono é Dr. Pedro Ribeiro Moreira. Na ocasião, 21 de outubro de 1977, coube ao Arcebispo Metropolitano de Aracaju proferir o discurso de recepção, cujo original encontra-se no acervo do Instituto Dom Luciano, ainda não publicado, nem mesmo pela Revista da Academia Sergipana de Letras.

Dom Luciano foi um orador por excelência. Embora o tenhamos na conta de um exímio escritor, não deixou nada registrado nos anais da Academia Sergipana de Letras, sobretudo em seu periódico. A seu respeito, somente o discurso de Cabral Machado, datado de 28 de agosto de 1971 e que só fora publicado no número 25, em 1977. Quantas pérolas discursivas de Dom Luciano poderiam ter se tornado valiosos textos, a exemplo do que acontecera algumas vezes a Luiz Antônio Barreto, este último mais cuidadoso com a pena, se é que podemos dizer assim.

Seu discurso de posse, por exemplo, foi, por alguns anos, alvo de algumas críticas, sobretudo por sua inexistência na forma escrita. Graças aos esforços de sua irmã, Carmem Dolores Cabral Duarte, Dona Carminha, e da escritora Ana Medina, fragmentos foram transcritos e publicados no livro “Escritos sobre Educação e Outros Temas”, de 2008, organizado pelos professores Jorge Carvalho do Nascimento e Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, cuja apresentação coube ao Prof. Dr. Edmilson Menezes.

Antes de tecer alguns comentários sobre este documento, cabe salientar algumas outras questões a respeito. Dom Luciano, como é sabido, não preparou nada escrito para a sua posse, falando de improviso para os presentes. A Rádio Cultura de Sergipe gravou seu pronunciamento, mas o Arcebispo de Aracaju jamais se prontificou a escrevê-lo. Durante anos, sobretudo a partir de 1972, ocasionalmente isto foi tocado em sessões da academia, até data mais recentemente.

14 MACHADO, Manuel Cabral. Discurso de Saudação a Dom Luciano Cabral Duarte. In: *Revista da Academia Sergipana de Letras*. Número 25. 1975. p. 92.

15 *Gazeta de Sergipe*. 29 e 30 de agosto de 1971. Capa.



Em Ata de Sessão Ordinária da ASL de 24 de janeiro de 1973, o então Presidente Zózimo Lima queixou-se da demora de, não só Dom Luciano, mas também de outros confrades, a exemplo de Luiz Magalhães e José da Silva Ribeiro Filho, não remeterem ao sodalício seus discursos. Segundo Zózimo, Dom Luciano alegava não saber onde estava a fita gravada pela Rádio Cultura.

Finalmente resgatado, o Discurso pôde ser conhecido não só por admiradores, mas também por aqueles que lhe fizeram a cobrança, por vezes incisiva, por tantos anos. Em Ata já aqui mencionada no dia 24 de janeiro de 1973, Zózimo destaca, de memória, o que ele chamou de uma “magnífica apologia a Dom Mário Vilas-Bôas<sup>16</sup>”. Natural do Rio Grande, foi Bispo de Garanhuns e Arcebispo de Belém do Pará. Tendo sido, ainda, Arcebispo Coadjutor de Salvador e Arcebispo da Bahia. Renunciou ao cargo em 1965, radicando-se em Aracaju, até a sua morte, três anos depois. Para Luiz Antônio Barreto, trata-se de “(...) gaúcho sergipanizado<sup>17</sup>”.

De fato, Zózimo tinha razão. Ao debruçarmos sobre o discurso de Dom Luciano é nítida a sua admiração por Dom Mário, dando vazão a três momentos díspares do pastor: o auge na carreira, por ocasião da realização do VI Congresso Eucarístico Nacional, em Belém do Pará (1953); a sofrível e dolorida fase de transferências; e a última estada nas terras sergipanas, sobre a qual teve Dom Luciano grande influência.

A respeito do retorno e curta permanência de Dom Mário em Sergipe, porém necessária, do ponto de vista humano, assim se referiu o recém-ingresso na Academia Sergipana de Letras:

(...) E ele para aqui veio com as suas irmãs. E ele aqui encontrou a casa, onde viveu os últimos meses da sua vida e onde morreu e onde estão suas irmãs. E ele aqui teve o desenlace de sua vida, cercado de carinho e da fidelidade daqueles amigos, daquelas afeições, cuja raiz plantara na juventude e, no tempo que passou como padre, trabalhando em Aracaju<sup>18</sup>.

Na sequência da transcrição de seu discurso de posse, ainda tecendo palavras afáveis sobre Dom Mário Vilas-Bôas, enaltece a sua qualidade de exímio orador. Neste momento, o leitor atento perceberá que o que dirigiu ao homenageado serve muito para si próprio, particularmente como ficamos o conhecendo na sequência de sua prodigiosa carreira sacerdotal e intelectual: “(...) o que distingue o orador de um orador, é a inflexão, é

16 Ata da Sessão Ordinária da Academia Sergipana de Letras, realizada no dia 16 de Dezembro de 1972. pp. 06-07.

17 BARRETO, Luiz Antônio. “A Tese de Dom Luciano”. In: [http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=8484&titulo=Luis\\_Antonio\\_Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=8484&titulo=Luis_Antonio_Barreto). 11.02.2004. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

18 DUARTE, Dom Luciano. Discurso de Dom Luciano ao ser recebido na Academia Sergipana de Letras. In: *Escritos sobre Educação e Outros Temas*. Aracaju: Editora J Andrade, 2008. pp. 74-75.



o acento, é o calor de alma que ele consegue pôr ou não consegue pôr naquilo que ele está transmitindo<sup>19</sup>”.

Em 1984, o Jornal Gazeta publica uma matéria intitulada “Quem são nossos imortais?”, destacando a atuação de Dom Luciano na Academia Sergipana de Letras. Em geral, além de apresentar aspectos relacionados à sua trajetória de vida até então, vê-se que o religioso projeta a instituição mais pelo que fez por Sergipe, sobretudo pela educação, do que por ter sido um homem de reuniões e solenidades daquele sodalício<sup>20</sup>.

Entretanto, é preciso ver esta questão da ausência e da inatividade produtiva no seio da Academia Sergipana de Letras com outros olhos, sob outra perspectiva, sobe pena de incorrerem em erro ou injustiça. Medir a atuação e importância de Dom Luciano por este patamar é limitar suas possibilidades. Isto jamais impediu de que ele estivesse entre os melhores nomes daquele sodalício. Pode-se afirmar, sem nenhum exagero ou panfletagem, que ele projetou aquela instituição no campo cultural sergipano e nacional, conferindo-lhe notoriedade e credibilidade por muitos anos. Sua produção e atuação exógena ao ambiente da imortalidade sergipana atesta qualquer premissa neste sentido. Ele foi um homem da academia e para além dela.

No dia 01 de setembro de 2003, a Academia Sergipana de Letras lhe prestou uma justa homenagem. A sessão foi concorrida e registrada em ata. A referida sessão havia sido uma sugestão de Gizelda Moraes, feita ao Presidente José Anderson do Nascimento, no dia 28 de julho daquele ano, no que foi prontamente acatada por seus pares.

A solenidade ocorreu em comemoração ao cinquentenário sacerdotal de Dom Luciano. Entre os presentes, destaque para: Manuel Cabral Machado, João Oliva Alves, Maria Thétis Nunes, Luiz Antônio Barreto, Jorge Carvalho do Nascimento, o Secretário da Cultura José Carlos Teixeira (representando o Governador João Alves Filho) e a professora Ana Maria Medina (representando o Prefeito Marcelo Déda).

O homenageado entrou no auditório da Academia Sergipana de Letras, acompanhado de sua irmã Carmem Dolores e foi efusivamente aplaudido por todos. Fizeram uso da palavra: Gizelda Moraes, idealizadora e mentora do evento; Manoel Cabral Machado, tecendo palavras carinhosas e intimistas; João Oliva Alves, destacando a veia jornalista do homenageado, sobretudo a experiência, como repórter, no Concílio Vaticano II; a saudosa Lígia Pina Madureira, destacando o papel de sacerdote dedicado, bem como de docente afável, que contagiava os alunos, a exemplo dela; Maria Thétis Nunes, ressaltando curiosidades da vida

19 Idem. *Ibidem*. p. 75.

20 Jornal Gazeta. Ano IV. 07 de julho de 1984. p. 06. Acervo do Instituto Dom Luciano. Aracaju-SE.

pessoal de Dom Luciano, como o hábito de andar de bicicleta; seguindo as falas de Emanuel Franco, José Carlos Teixeira, Cléa Maria Brandão e do Presidente José Anderson do Nascimento.

Em 2007, em sessão conjunta da Academia Sergipana de Letras e do Conselho de Cultura de Sergipe, Dom Luciano esteve prestigiando a solenidade em homenagem ao centenário de nascimento do poeta e jornalista lagartense, Abelardo Romero Dantas. Foi, ao que se sabe, sua última aparição pública em eventos daquela natureza. Debilitado, mais ainda demonstrando bastante entusiasmo, rompia o silêncio da atenção dos ouvintes à fala do palestrante, com palmas de louvação, satisfeito com o que ouvia a respeito de seu confrade, falecido em 1979.

Ocasionalmente, até a presente data, a importância de Dom Luciano no cenário cultural, mais de perto na Academia Sergipana de Letras vem à tona nas reuniões do sodalício, em geral, por iniciativa dos acadêmicos Ana Medina e João Oliva ou mesmo de membros do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho. Mais do que lampejos de memória, marcos memorialísticos de uma ausência, paradoxalmente, muito presente.

Em que pesem tais considerações a respeito do perfil acadêmico-literário, no que dou por encerrada a minha fala, cabe salientar e atestar a assertiva de Cabral Machado a respeito de Dom Luciano José Cabral Duarte a quem lhe coube a alcunha de *sacerdote artista da palavra*, sobre o qual repousou a palavra com maestria e assentasse-se a sapiência da gente sergipana, alçada ao mais expressivo, significativo e melhor grau, típica dos que fazem da imortalidade a justa e prestigiosa razão de ser e de representar-se.